

Agroecologia e estilo de vida: estudo de caso sobre os novos grupos sociais agroecológicos formados no litoral do Paraná, Brasil.

Agroecology and lifestyle: a study of case about the new social groups formed on the coast of Paraná, Brazil.

PIRES, Ana Christina Duarte¹; BEGA, Maria Tarcisa Silva²

¹ Universidade Federal do Paraná, anachristina@ufpr.br; ² Universidade Federal do Paraná, tarcisa.silva@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia

Resumo: O trabalho faz parte da tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná em 2021. Seu objetivo é estudar os novos grupos sociais alternativos criados na área rural do litoral paranaense via estudo de caso. Entre diversos grupos, foi escolhido o localizado no município de Morretes, constituído em 2014, denominado sítio Sagrada Raiz. O desenvolvimento do trabalho foi ancorado na pesquisa qualitativa. Por meio das histórias de vida dos fundadores e das fundadoras do grupo, é possível compreender sua forma peculiar de organização, a trajetória de seus e de suas integrantes e observar suas relações com o meio, entre si e com as demais pessoas da comunidade. Os resultados apontaram que a constituição desses grupos representa uma possibilidade de ruptura no cenário de insustentabilidade gerado pelo modelo hegemônico. Pela permanência e crescimento desse tipo de comunidade, é possível concluir que um estilo de vida alternativo é real e possível.

Palavras-chave: sustentabilidade; vida alternativa; saberes ancestrais.

Introdução

Este trabalho faz parte da tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR, em abril de 2021. A reflexão que despertou o tema foi a perspectiva de que a insustentabilidade, em todas as suas dimensões, chama para necessidade de entender melhor outras formas de comportamentos, saberes e práticas que possam indicar a quebra desse fluxo, com base na agroecologia. Para conhecer uma dessas formas, esta pesquisa teve como objetivo geral estudar o caso de um novo grupo social alternativo, de base agroecológica, criado no litoral paranaense, constituído em grande parte por egressos do Setor Litoral (UFPR Litoral)¹ da UFPR, por meio de uma proposta agroecológica e por outras pessoas com a mesma filosofia de vida alternativa.

¹ O caráter próprio do seu projeto, a aproximação e a identificação desse setor com a região conferiram-lhe a condição de referência diferenciada dos demais *campi* da UFPR, pelo nome popularizado como “UFPR Litoral” e que será utilizado no decorrer deste texto.



Entre os vários grupos agroecológicos formados no local², foi escolhido o grupo denominado Sítio Sagrada Raiz, fundado em 2014. O grupo consiste em uma comunidade localizada em Morretes (PR), no litoral da região Sul do Brasil, local marcado pela sua importância ambiental e atividade portuária que, aliados ao turismo e à agricultura, consistem na economia da região. A escolha foi fundamentada por esse ser o grupo mais antigo, podendo ser considerado, neste trabalho, um piloto da experiência. Essa escolha proporcionou melhores condições de compreensão da sua organização, o entendimento da trajetória de seus integrantes e a observação das suas relações com o meio e com os demais sujeitos.

Metodologia

O desenvolvimento da pesquisa foi realizado por método qualitativo que combinou revisão de literatura, trabalhos de campo e interpretação dos resultados. Um enfoque especial foi dado para os trabalhos de campo por consistirem, principalmente, em entrevistas com integrantes do grupo escolhido (MYERS, 2002). As entrevistas, por meio de perguntas abertas, deram ênfase às histórias de vida desses e dessas integrantes. Além das entrevistas, foram analisadas informações obtidas por vivências no local de instalação do grupo e publicações dos e das integrantes nas redes sociais da internet. Foram entrevistadas nove das 23 pessoas adultas que compõem o grupo.

A coleta de dados para a tese foi realizada em 2019 e 2020. Porém, devido aos laços de amizade que se formaram entre a autora e os e as integrantes do grupo, o acompanhamento das atividades permanece em 2023.

Resultados e Discussão

O Sítio Sagrada Raiz é um projeto coletivo em que a natureza, os saberes tradicionais e as relações sociais são articulados de forma não hierárquica e tomados como a base da construção do seu ambiente. Assim, essa opção pelo meio rural compõe o que Brandenburg (2010) denomina de ecologização do rural, caracterizada por atores sociais que articulam práticas sociais às ambientais.

O total de adultos que integra o sítio corresponde a 23 pessoas. Desses 23 integrantes, 15 concluíram curso superior na UFPR, sendo que 12 pessoas tiveram vínculo direto com o Setor Litoral da UFPR (UFPR Litoral): 11 como estudantes (principalmente do Curso de Tecnologia em Agroecologia) e uma como docente efetiva. Todos os adultos são provenientes de outras regiões do país.

A área do Sítio Sagrada Raiz corresponde a uma propriedade rural, de 41 hectares, que foi adquirida de forma cooperativa e coletiva e que posteriormente foi dividida em lotes. Ali, cada família é responsável por um lote, de dimensões de 2 ou 4 hectares, com organização e autonomia próprias.

² No litoral do Paraná, vem se formando diversos grupos alternativos que, em diferentes formas de organização e de tempos, estão se estabelecendo em novas áreas de terra, ramificando, dessa forma, um outro tipo de comunidade local.



Nas práticas que compõem o quadro de autonomia financeira, no sítio Sagrada Raiz, há diversos meios de sustento das famílias. Entre as oito famílias residentes no local, são observados recursos econômicos vindos da articulação de fontes que podem ser relacionadas à agroecologia: produção de agricultura orgânica; cosméticos naturais; produtos fitoterápicos; cerâmica, artesanato e construções em madeira; música e serviços eco ambientais (ecoturismo, paisagismo agroecológico, jardinagem, bioconstrução, recuperação de nascentes, tratamento de efluentes); terapias complementares (massagem, aulas de ioga) e magistério. Esse tipo de atividade também é realizado por quatro fundadores do Sítio não residentes no momento. Assim, os dados coincidentes a respeito da ocupação profissional dos integrantes revelam a diversidade de práticas ecologicamente adequadas e questões que mostram um caráter holístico que pode ser relacionado à Agroecologia. Nesse perfil, são conciliadas a sustentabilidade econômica, as relações com a natureza e o caráter humano envolvido.

A posse de uma base específica de recursos por uma determinada família é reconhecida e respeitada, de forma a manter a sua individualidade, seja de espaço físico como de autonomia econômica. Assim, as próprias famílias estão empenhadas em seu sustento (embora, evidentemente, com diferentes ritmos e diferentes graus de sucesso) e em suas próprias unidades de produção, mas com o interesse comum em manter o grupo de forma estável em seu formato ideológico inicial, o que garante laços mais sólidos em forma de rede de relações sociais, de amizade e companheirismo, culturais, de projeto de futuro, para além do econômico. Isso pode ser observado nos relatos sobre a única situação de venda de um lote: prevaleceu a decisão firmada no acordo de convivência, que frisa que nenhum lote pode ser vendido sem o comunicado aos demais membros e que seja dada preferência a núcleos de pessoas que compartilhem dos mesmos ideais iniciais relacionados com a Agroecologia.

Um detalhe que chamou a atenção no objeto de pesquisa foi o fato de muitas dessas pessoas terem procurado o curso de Agroecologia na UFPR Litoral. A curiosidade foi despertada quando se percebeu que esses estudantes, particularmente, resistiam a atividades pedagógicas convencionais, mas procuravam adquirir muitos conhecimentos a partir das vivências com produtores rurais da região e leituras mais contemporâneas sobre técnicas agrícolas. Ao mesmo tempo, notou-se grande preferência de mídias alternativas como cartilhas, músicas, vídeos, encenações, com qualidade bastante elevada, como formas de submeter-se à avaliação do aprendizado durante o curso.

Na comunidade estudada, os e as integrantes vivem, constituem suas famílias e realizam as atividades para seu sustento. Estabelece-se, assim, um estilo de vida alternativo, com fundamentos que mesclam saberes contemporâneos e das populações tradicionais³ rurais o que, de acordo com Brandenburg, 2010, tem uma filosofia baseada no respeito ao meio ambiente e às relações humanas na sua

³ São considerados conhecimentos tradicionais todos os elementos intangíveis associados à utilização comercial ou industrial das variedades desenvolvido pelas populações locais, em coletividade ou individualmente, de maneira não sistemática e que se insiram nas tradições culturais e espirituais dessas populações Artigo 3º do Decreto 118/2002



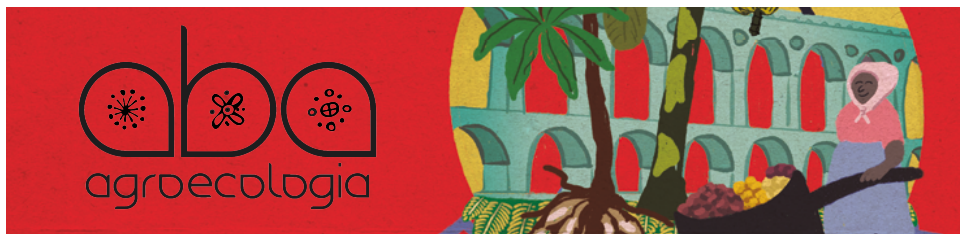
totalidade, buscando criar uma forma de bem se relacionar com a natureza e com as pessoas. Nessa visão alternativa das relações com o meio e entre sujeitos, as melhores condições de vida não são as mesmas proporcionadas pela massificação intencional que deriva do modelo hegemônico da economia mundial. A indisposição diante do cenário de trabalho assalariado, cujo interesse no lucro é a única finalidade de todas as suas atividades, segundo Singer (2002) gera buscas por uma organização alternativa a esse modelo. Assim, os grupos são constituídos de forma a não corresponderem ao modelo convencional de trabalho que impossibilitaria a autonomia das famílias em seu sustento e na execução de sua filosofia de vida. Singer (2002, p. 120), prevê a origem desse tipo de construção quando observa que a busca de alternativas ao modelo econômico baseado no consumismo consiste em:

Prenúncio de algo assim poderia ser a recusa das comunidades, que se opõem ao capitalismo, de consumir produtos transgênicos e de sua preferência por alimentos provenientes da agricultura orgânica. O estilo de vida de tais comunidades favorece o consumo de produtos artesanais e étnicos e o uso de serviços que não produzem emissões de gases que possam agravar o efeito estufa. Não obstante, esta diferenciação do consumo é restrita demais para constituir um padrão distinto do capitalista. Os membros dessas comunidades participam das modalidades de consumo habituais, exceto as acima mencionadas. (SINGER, 2002, p. 120).

A formação desses grupos sociais resgata a memória do passado ao valorizar o conhecimento dos povos tradicionais, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança, entendido em Hall (2006, p. 73) por: “um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, acima e abaixo do nível do estado-nação”. Como a idade máxima de seus integrantes é de 35 anos (no ano de 2019), são frutos de uma geração já transformada pela modernidade, mas ao mesmo tempo relendo saberes tradicionais por um viés de preservação da natureza e das relações humanas. Buscam vida alternativa ao massivo apelo do consumismo. Muitas vezes associados ao movimento hippie, é possível relacionar o seu surgimento como produto de um movimento da contracultura, que encontra terreno fértil para se desenvolver na juventude.

O relato abaixo, de um dos entrevistados, possibilita identificar o valor dos conhecimentos ancestrais para os integrantes do grupo, quando relata os seus momentos de adaptação ao local:

Eu morava lá no morro e queria fazer uma casa de barro, uma casa sustentável e não tinha noção nenhuma de como começar. E aí pensei, será que eu vou ter que fazer um curso de permacultura? Onde será que eu vou conseguir um curso disso aí? E eu perguntei para o meu vizinho, que era um senhor negro, assim, de uns 70 anos. E ele me explicou: lá em Minas, quando a gente era criança, fazia umas casas assim. É assim, você só pega um bambu e amarra assim. Assim, fácil, fácil, pisa com palha, beleza, e ele foi meu professor. O grupo nessa hora troca sabedorias populares, mas que tem embasamento científico. Então, é esse saber “do meio” (saberes populares + saberes científicos) aí é o que a gente busca.



O acompanhamento do grupo após a fase da pesquisa permite constatar que a constituição, os hábitos e as atividades permanecem iguais em 2023.

Observou-se de forma destacada, nas ocasiões das entrevistas e das visitas ao sítio, um sentimento de pertencimento e de semelhança muito maior do que entre os habitantes de uma grande cidade. Esse sentimento é semelhante ao identificado, ao modo como são estabelecidas as relações sociais das pessoas do meio rural (BRANDENBURG, 2010). Esse foi um detalhe facilmente identificado durante os momentos de vivência, tanto entre as famílias que compõem o grupo quanto com as relações dessas famílias com os demais grupos sociais ao redor.

Conclusões

Nessa pesquisa, é possível concluir que um estilo alternativo de vida não se trata somente de uma administração dos recursos e do meio ambiente, mas de considerar as diversas formas sociais de apropriação e uso desses recursos e desse ambiente.

Faz parte, portanto, da ressignificação do rural, como um princípio da articulação harmoniosa e contínua entre a natureza e as relações sociais.

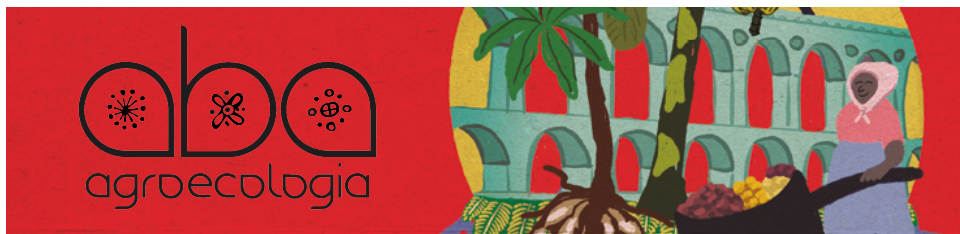
No entanto, não se pode considerar que a realidade dos integrantes é a mesma vivenciada pelos jovens rurais tradicionais que vivem no campo e que compõem as propriedades familiares. As dificuldades e privações que sofrem, os confrontos entre a cultura tradicional que faz parte da família e que muitas vezes é inferiorizada e a cultura que se impõe pelos meios de comunicação de massa são totalmente diferentes das enfrentadas pelos jovens universitários provenientes de classe média urbana que constituem o grupo. Por essa razão, é importante considerar que o sítio Sagrada Raiz foi concebido por jovens oriundos de classe média, urbanos e a quem foram possibilitadas, pela família e por seu próprio trabalho, condições culturais e financeiras a ponto de construírem uma estrutura alternativa ao sistema convencional.

Assim, se entende que para quem pode escolher uma proposta alternativa de vida pode-se entender que há outras formas de viver que não necessariamente a do modelo hegemônico, quando a incorporamos a um estilo de vida. Portanto, quem tem a liberdade de escolha pode tornar-se um sujeito alternativo, em vários gradientes e em vários tempos, desde que compartilhe esses mesmos princípios. Assim, um estilo de vida, compatível com o respeito à vida em todas as suas formas, se torna real e possível.

Referências bibliográficas

BRANDENBURG, Alfio. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Revista Ambiente & Sociedade**. Campinas, v. 13, n. 2. p. 417-428. jul./dez. 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.